

Autor: Carolina Contiero Talarico [e-mail: carol.contiero@gmail.com] Orientador: Leandro Medrano

INTRODUÇÃO: PROCESSO DE PERIFERIZAÇÃO

A ocupação das áreas distantes por população de baixa renda através de loteamentos clandestinos ampliou-se a partir da década de 1930 quando o bonde foi substituído pelo onibus e o governo implantava uma política de expansão do sistema viário. [MORAES, 2007] No âmbito dessas ações, a principal foi o Plano de Avenidas, o qual proporcionou a transformação de uma cidade concentrada para uma cidade espalhada. Dessa forma, entende-se que os novos meios de locomoção aliados à crise habitacional, intensificada com a migração e a implantação de loteamentos populares intensificaram a fuga em massa para a periferia recém instalada, e a esse processo de periferação aliava-se a precarização da qualidade de vida e da moradia. A política de expansão sem regras da cidade continuou na década de 1940 e no período de 1950 e 1960 essa política ficou conhecida como Laissez-Faire urbano, uma vez que tinha-se a omissão intencional dos governos quanto à ocupação desordenada do território e quanto à desobediência às leis urbanísticas existentes. A partir da década de 1970, a questão das periferias volta a ser colocada nas discussões políticas e no discurso do poder político de forma mais intensa, após ter sido ignorada e mascarada durante décadas. O Estado foi obrigado a voltar-se para as questões da periferia para tentar sua reconstituição, pois as demandas da sociedade civil há tempos se avolumavam. Assim, a criação do BNH foi uma das formas desenvolvidas pelo Estado como tentativas de resolver a questão habitacional, porém, o programa não foi suficiente para suprir uma demanda que avolumou-se durante décadas e que ainda hoje é um desafio pra a gestão pública.

Já a década de 1980, significou um período de intensa recessão, estagnação produtiva, desaquecimento da atividade industrial e ampliação das desigualdades sociais. A crise mundial de superprodução desestimulou a economia e aumentou as taxas de desemprego no mundo capitalista, fato que traria importantes reflexos nas sociedades desenvolvidas. [MORAES, 2007] Esse cenário socio-economico na metrópole paulista é caracterizado por Kowarick [1985] como “metrópole do subdesenvolvimento industrializado”, mostrando que São Paulo transformou-se em uma região de intensa industrialização e crescimento econômico, mas também numa região de intensa desigualdade social com concentração de renda, empobrecimento da classe trabalhadora e segregação socioespacial, abrindo em seu território capital e subdesenvolvimento social.

COMPLEXO HELIÓPOLIS

Heliópolis possui aproximadamente um milhão de metros quadrados e localiza-se ao sul do município de São Paulo, região do Sacomã, tendo como limites a Avenida Juntas Provisórias, que se estende até a divisa com São Caetano do Sul que tem como divisor de águas o Rio Tamanduateí e a Av.Guido Aliberti. Fica a 25 km do centro de São Paulo. O transporte público não entra em algumas ruas da comunidade, pois as mesmas são estreitas, então as pessoas se deslocam até as vias principais, como a Estrada das Lágrimas,Av. Almirante Delamare, Rua Cel. Silva Castro e Rua Cônego Xavier, onde estão localizados os pontos de ônibus. A rua lateral do hospital Heliópolis funciona como um terminal, possui ônibus para vários locais, pois a demanda é grande - o hospital atende em média 1.000 pessoas. Referente à infra-estrutura urbana, segundo o IBGE, Heliópolis conta com 83% de abastecimento de água, 62% de esgotamento sanitário, 94% das casas possui rede elétrica, 57% das ruas são iluminadas, 97% das vias são pavimentadas. Com as obras do Programa de Aceleração do Governo Federal- PAC que iniciou em julho de 2008, o projeto quer chegar a 100% de ruas asfaltadas. O objetivo do PAC consiste em realizar um conjunto de medidas destinadas a: incentivar o investimento privado; aumentar o investimento público em infra-estrutura e remover obstáculos burocráticos, administrativos,normativos, jurídicos e legislativos) ao crescimento do local. O PAC depende da participação do executivo, legislativo, dos trabalhadores e dos empresários e por esse motivo foi montada uma comissão em Heliópolis formada por diversas lideranças, uma de cada gleba, para acompanhar o andamento das obras, mas também para participar da elaboração dos projetos, realizando reuniões comunitárias. Em 2010, dos 125 mil habitantes da comunidade de Heliópolis, a maioria – aproximadamente 120 mil – já havia sido beneficiada pelo PAC por meio de parceria entre os governos federal, estadual e municipal. O projetos dos arquitetos Hector Vigliecca e Ruy Ohtake entram nesse contexto de reformas e melhoramentos na favela. Os projetos e seus estudos de caso serão apresentados a seguir:

PROJETO GLEBA A. Includes images of the area before and after canalization, a 3D architectural model, and a site plan showing the layout of the building and surrounding infrastructure.

PROJETO GLEBA H. Includes images of construction progress, a site plan, and a 3D architectural model of the building structure.

PROJETO GLEBA K. Includes a detailed site plan of an apartment unit, a 3D architectural model, and images of the building's exterior and interior spaces.

METODOLOGIA DE TRABALHO

- 1. Revisão Bibliográfica completa e pesquisa sobre a periferação da área compreendida pelo bairro Ipiranga e o surgimento da favela Heliópolis;
2. Estudos direcionados à compreensão do projeto de urbanização da área de estudo;
3. Estudo dos conjuntos Residenciais projetados por Hector Vigliecca e Ruy Ohtake e a importância de sua inserção na área;
4. Entrar em contato com os arquitetos responsáveis pelo projeto e marcar entrevista;
5. Fazer interpretações e análises críticas do material levantado em modelo gráfico e monográfico;

Dado o aumento da complexidade em projetos contemporâneos, a disciplina da arquitetura recentemente iniciou uma fase de questionamentos anteriormente pouco abordados, tal como a o uso de métodos de projetos com auxílio computacional, permitindo aos arquitetos investigar mais profundamente questões relativas à sustentabilidade, à gestão de recursos, aos meios de produção e ao desenvolvimento de formas mais complexas (ACHTEN, 2009 apud MENDES, 2010). Buscando ser o mais imparcial possível no estudo de caso dos projetos habitacionais em estudo, e aplicando uma metodologia de avaliação ainda pouco difundida no Brasil, a análise das obras em questão seguirá um mesmo protocolo de avaliação, que será baseado na metodologia de Achten (vide item 5.1.2) e que tem como objetivo a análise de contexto de cada projeto quanto às tecnologias e metodologias utilizadas no processo de projeto. É importante ressaltar que, visto que as entrevistas com os arquitetos em questão não se tornaram possíveis, a avaliação dos estudos de caso irá se basear no material gráfico disponível em publicações e em sites de arquitetura, permitindo assim avaliar também o nível de informação que é repassado pelos escritórios e que fica ao alcance de todos.

LEVANTAMENTO E ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

A partir do estudo da bibliografia e da coleta de dados sobre os projetos, foi desenvolvida uma análise dos estudos de caso baseando-se na metodologia de Achten, conforme o procedimento descrito a seguir:

- 1. Organização das informações: Estabelecimento de comunicação entre os dados levantados sobre os projetos e apresentação de uma ficha projetual explicativa para cada um dos estudos de caso. A ficha será constituída pelas seguintes informações:
- período de desenvolvimento e autores do projeto (arquiteto/escritório);
- contexto histórico (país, estado, cidade e condições em que foi desenvolvido o projeto);
- matrizes da Métrica de Inovação de acordo com os critérios estabelecidos por Achten;
- tecnologias implantadas no processo de projeto e produção (se houver).
2. Projetos - conceito, metodologia, tecnologia: Análise descritiva do processo de projeto de cada estudo de caso, abordando conceito, metodologia e tecnologia apresentados na bibliografia pesquisada e sua relevância na concepção do projeto, bem como em seu resultado formal. A análise será baseada em material publicado em sites e revistas especializadas. A apresentação dos casos deve seguir a seguinte ordem:
- contexto – país, cidade, arquiteto/escritório (informações relevantes para o entendimento do processo de projeto do estudo de caso);
- metodologia utilizada ou desenvolvida pelo autor do projeto arquiteto/escritório/programadores/projetistas);
- tecnologia (ou tecnologias) utilizada(s) no processo de concepção do projeto e produção do estudo de caso (quando houver);
- Outras informações (quando houver).
3. Sobre os autores: breve introdução sobre os autores dos projetos e seus Projetos/pesquisas mais relevantes.
4. Tabelas, infográficos e dados sobre os projetos.

2004-2007 Gleba A- Heliópolis, São Paulo, Brasil. Hector Vigliecca | Conjunto Habitacional Heliópolis. Includes a detailed project overview with maps, infographics showing metrics like 78.4% habitability and 5.3% parking, and a 'Métrica de Inovação' table. Also includes architectural drawings for implantation, facade, and courtyard recovery.

ESTUDO DE CASO

2008- Gleba K, Heliópolis, São Paulo, Brasil. Ruy Ohtake | Conjunto Habitacional Heliópolis. Includes a project overview with maps, infographics showing metrics like 68.15% habitability and 24.75% public area, and architectural drawings for typology, aerial image, and electronic model.

2010 - Gleba H- Heliópolis, São Paulo, Brasil. Hector Vigliecca | Habitação Social em Heliópolis. Includes a project overview with maps, infographics showing metrics like 45.6% habitability and 35.4% public area, and architectural drawings for implementation, electronic model, and construction site.

2004-2007 Gleba A- Heliópolis, São Paulo, Brasil. Hector Vigliecca | Conjunto Habitacional Heliópolis. Includes a detailed project overview with maps, infographics showing metrics like 78.4% habitability and 16.3% semi-public area, and a 'Métrica de Inovação' table. Also includes architectural drawings for implementation, facade, and courtyard recovery.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. A. C. . Habitação na Cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Instituto Polis/ PUC-SP, 2002. ARANTES, Otília B. Fiori (Org.). A cidade do Pensamento Único: desmanchando consenso. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. BONDUKI, Nabil (Org.). Comissão de Estudos Sobre Habitação na Área Central. 1. ed. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo – serviço gráfico da CMSP, 2001. v.1 131 p. DIOGO, Érica. Habitação Social nas Áreas Centrais. Instituto Pólis, Boletim DICAS, São Paulo, n.185, 2001. LEFEBVRE, Henry. A cidade do capital: tradução: Maria Helena Rauta Ramos e Marilene Jamur - Rio de Janeiro, DP&A, 2001. Título original: La Pensée Marxiste et la ville. 2ª ed. MARICATO, E. T. M. . Habitação Social em Áreas Centrais. Oculum, Campinas, n. 1, p. 13-24, 2000. MARICATO, E. T. M. ; MATTOS, C. ; MEYER, Regina; ROLNIK, R. ; SOMECK, Nadia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 14, n. 4, p. 21-33, 2000. MARICATO, Erminia. Na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras; In: Brasil, cidades– alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001. MEYER, Regina M. P. et al. Documento 1. São Paulo, Associação Viva o Centro, 1993. ROLNIK, Raquel. São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2003. (Coleção Folha Explica).SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo, Hucitec, 1993. SILVA, H. M. M. B. . O centro de São Paulo: que futuro para a habitação?. 2001. SILVA, H. M. M. B. ; CASTRO, C. M. P. . A legislação, o mercado e o acesso à habitação em São Paulo. In: Habitação: como ampliar o mercado, 1997, São Paulo, 1997, p. 1-35. SILVA, Luis Octávio. Breve história do centro de São Paulo: sua decadência e reabilitação. In: SHICCHI, Maria Cristina; SUTTI, Weber. Conflitos em torno do direito à moradia na região central de São Paulo. 2005. VILLÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. Studio Nobel, Fapesp, São Paulo, 1998.

AGRADECIMENTOS:

